

Assessor da Casa Branca acha imoral país não pagar dívida

WASHINGTON — O Chefe dos Assessores Econômicos da Casa Branca, Martin Feldstein, aproveitou ontem uma reunião de empresários, banqueiros e autoridades brasileiras e americanas para alertar que o repúdio da dívida externa por um País é um ato imoral". Feldstein, depois, concordou nas linhas gerais apresentadas tanto pelo Ministro da Fazenda, Ernane Galvães, como pelo Presidente do Grupo Brasiliinvest, Mário Garnero, de que os elementos fundamentais para a retomada do crescimento econômico estão no apoio da comunidade financeira internacional e na promoção do comércio.

Papa Jr. teme por pequenos

SÃO PAULO — As micros, pequenas e médias empresas brasileiras suportam o maior ônus da crise econômica enfrentada pelo País por não possuírem a exemplo dos grandes grupos oligopólistas, poder de pressão e barganha, afirmou ontem o Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, José Papa Júnior, durante palestra na Associação Comercial e Industrial de Osasco.

"Embora responsáveis por expressiva parcela da geração de renda e de emprego, esse universo empresarial não recebe justo tratamento fiscal e creditício, enquanto os grandes grupos oligopólistas são contemplados com as benesses da política econômica", disse Papa Júnior.

O presidente da Federação do Comércio disse, também, que não será com medidas conjunturais de curto prazo que o País vai conseguir superar seus problemas.

O almoço no Hotel Shoreham, ao lado do Sheraton, onde se realiza a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, reuniu cerca de 600 convidados, que ouviram palestras de Galvães, Feldstein e Garnero.

O Assessor Econômico do Presidente Reagan disse que é preciso promover a confiança nos países devedores, através de maior participação de governos na suplementação dos créditos comerciais e nos programas do Fundo Monetário Internacional. Isto, acrescentou, poderia garantir uma melhoria dos níveis de importação de países como o Brasil,

e permitiria a retomada do crescimento paralelamente ao aumento das exportações.

Tanto ele como Galvães e Garnero criticaram o protecionismo no comércio mundial. Galvães foi mais direto nessa acusação, citando os Estados Unidos e o tratamento que considerou desigual — como no caso do aço — entre o Brasil e os países europeus.

Mário Garnero, que apresentou os oradores principais, defendeu a idéia da restruturação da dívida e lembrou que a cobrança "por navios e tanques já não é possível", e que o único caminho é o da cooperação.